

# Para habitar entre grades: táticas de [sobre]vida na prisão

To live among bars: survival tactics in prison

**Sara Vieira Antunes**

*Estudante de mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel em Antropologia pela UNICAMP. saraantunes13@gmail.com*

## RESUMO

*Este artigo parte de pesquisa etnográfica realizada em uma penitenciária feminina paulista por meio de um projeto de leitura para discutir as formas de habitar o ambiente prisional, com ênfase na materialidade dessa experiência e nas táticas mobilizadas para produzir as condições dessa habitação. Notadamente marcada pela redução – de espaço, de materiais, de relações – a prisão foi historicamente arquitetada para punir através do isolamento de determinados indivíduos em estruturas formadas por muros altos, cercas, grades e pela contínua vigilância de guardas. A partir das falas de minhas interlocutoras, os muros, cercas e grades ganham profundidade, cor, som e temperatura de um momento da vida marcado no corpo e na memória. Dessa forma, com destaque para a experiência material e para as modalidades sensíveis do cotidiano prisional, trago experiências observadas entre Vanda, Iaíá e Marisa, interlocutoras da pesquisa, para refletir sobre as formas de gerir o corpo e os ambientes no exercício diário de habitar a prisão.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Habitar, Prisão, Corpo*

## ABSTRACT

*This article is based on ethnographic research carried out in a female penitentiary in São Paulo through a reading project. Its proposal relies on discussing ways of inhabiting the prison environment, with emphasis on the materiality of this experience and the tactics mobilized to produce the conditions of this living. From the point of view of its inhabitants, the walls, fences and grids of the prison gain depth, color, sound and temperature of a moment of life marked in their bodies and memories. In this way, underlining the material experience and the sensitive modalities of the daily prison, I bring experiences observed among Vanda, Iaíá and Marisa to reflect on the ways of managing the body and the environments in the daily exercise of inhabiting the prison.*

## KEY WORDS

*Inhabit, Prison, Body*



*Não, a sensibilidade não é individual, é universal. Basta ferir a sensibilidade, que vai dos nossos nervos até à Via Láctea, para transformar as noções do tempo, do espaço, da vida e da morte — basta deitar dentro de um tanque uma gota de vermelho para tingir toda a água. Deito-lhe sonho dentro...*  
Raul Brandão, Húmus

As reflexões realizadas no presente artigo são fruto da vivência em um penitenciária feminina na capital de São Paulo por meio do projeto de leitura realizado durante os anos de 2015 e 2016 entre pessoas presas no pavilhão destinado ao Regime de Observação (R.O), onde se encontram aquelas [teoricamente] em tratamento psiquiátrico e/ou em acompanhamento pela enfermaria. Esse trabalho ocorreu conjuntamente com Vera que, assim como eu, é agente da Pastoral Carcerária (PCr), entidade ligada à Igreja Católica que atua no sistema prisional brasileiro e que apoiou a realização desse engajamento. Durante esse período Vera e eu realizamos visitas semanais de duas horas entre as pessoas que moravam ou permaneciam temporariamente no pavilhão do R.O.

Dessa forma, este texto consiste em um primeiro exercício de descrição etnográfica e análise da pesquisa de mestrado em curso, cujo escopo consiste nas formas de habitar o ambiente prisional, com ênfase na materialidade dessa experiência e nas táticas mobilizadas no cotidiano de uma penitenciária feminina. O recorte balizado no presente artigo, contudo, reside nas táticas acionadas no processo de fazer morada e as formas pelas quais o corpo e a dor podem ser administrados no esforço de tornar essa morada possível.

Faço adiante uma breve introdução ao campo etnográfico e teórico da pesquisa para, em seguida, refletir sobre a materialidade e experiência fenomênica de habitar corredores e celas a partir das vivências observadas entre Vanda e Iaiá, interlocutoras centrais que durante o período da pesquisa habitavam o pavilhão do R.O. Em um segundo momento abordarei as experiências e relatos de Marisa, também moradora do R.O, para refletir sobre algumas formas de administrar e cuidar do corpo e da dor no processo de [sobre]viver na/à prisão.

## **Profundidade, nomes, afecções**

Tantas vezes passei inadvertidamente pelas extensas e altas paredes das diferentes penitenciárias na cidade de São Paulo, cujos imponentes muros mostram seu topo cercado por arames farpados, cercas elétricas e câmeras. O



cenário aparentemente inóspito das [in]diferentes fachadas comunicava a mudez e invisibilidade da vida que transcorria para alguém de seus muros. Sabia pelos noticiários que lá permaneciam milhares de vidas acumuladas em poucos metros quadrados, convivendo por meses ou anos consecutivos. Mas tudo isso chegava como um eco distante de uma realidade atordoante e inapreensível ao corpo, ao que faz do corpo, a como vive o corpo.

Durante os meses que caminhei pelos corredores e celas que levam a e compõe certos ambientes de uma penitenciária feminina paulista, as [in]diferentes fachadas cinzas ganharam profundidade, as grades temperatura, as paredes das celas cores e vozes e os índices da população carcerária nomes, histórias, afecções. Aqueles ecos que eram antes distantes se transformaram em falas entrecortadas pelos corredores do pavilhão, em narrativas sobre as *caminhadas*<sup>1</sup> no *mundão*, perspectivas do futuro e relatos de um cotidiano por vezes buliçoso, por vezes moroso, mas repleto de minúcias e táticas elaboradas no exercício diário de fazer a vida, de habitar entre grades.

O que pude ver, sentir e perceber é que habitar a prisão é fazer parte dela, é construir cotidianamente dentro de uma teia de relações e práticas a própria prisão – sua arquitetura, seu funcionamento, sua gestão. Isso só foi possível pela condução cuidadosa e acolhedora das pessoas que me permitiram entrar em seus *barracos*<sup>2</sup>, compartilhar da intimidade dos espaços em que viviam, das histórias e das relações que compunham seu cotidiano. Evidentemente parte considerável dessas relações está imersa em jogos de poder fortemente assimétricos, especialmente nos tensionamentos entre população carcerária e administração penitenciária. No entanto, o que me mostravam é que essas relações, ainda que por vezes brutalmente impostas, não as imobilizavam; a vida continuava a fluir, a transbordar pelas brechas. Nas suas dobras, improvisavam e se deslocavam em espaços estriados que, no contínuo tensionamento dessa estriagem, desenvolviam forças e constituíam momentos de/em espaços lisos. Segundo Deleuze e Guattari (1980:228),

às vezes bastam movimentos, de velocidade ou lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por si só não são libertadores. Mas é neles que a luta muda, se desloca, e que a vida reconsti-

---

1. Todos os termos êmicos serão referidos em itálico.

2. Cela de moradia.



tui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários.

Nesses espaços estriados, a tática aparece como expediente de vida diante dos tensionamentos e relações de força que neles se exercem. Certeau (1998:100) sugere pensarmos em táticas ao invés de estratégias – a tática como uma forma de astúcia, uma “arte do fraco” dentro de relações assimétricas. A estratégia, por outro lado, seria um cálculo feito fora “do campo de visão do inimigo”, favorecido por uma certa exterioridade de alvos ou ameaças. Isto posto, a tática apareceria como uma prática que requer astúcia para explorar as fendas e brechas de forma a propor soluções baseadas no improviso, em deslocamentos, em linhas de fuga.

A redução de materiais, de trânsitos, de direitos, de acesso e do próprio espaço se choca com o tempo alargado dos dias que se somam no período do cumprimento da pena. Assim, habitar espaços estriados marcados pela redução e por relações de poder e vigilância implica desenvolver uma série de táticas no improviso cotidiano de fazer a vida. Implica persistir em construir espaços lisos sobre linhas de fuga – ou que Deleuze e Guattari (1980) chamam de “espaços nômades”, marcados por traços que se apagam e se deslocam do trajeto, provocando variações, polivocidade e multiplicidade de direções.



## **Cores, sons, temperatura e paladar**

Durante os primeiros meses que comecei a visitar o R.O junto à Vera, nosso trabalho aconteceu primordialmente na sala/cela de leitura; ocasionalmente no pátio, quando o sol não estava forte demais. Estávamos lá para realizar uma oficina de leitura. Leríamos livros – crônicas e poesias – conjuntamente, exercitando e incentivando a leitura e a produção poética. Segundo Vera, isso aconteceu nas primeiras semanas da oficina, poucas antes da minha entrada no projeto. Paulatinamente os livros passaram a se empilhar na prateleira da sala/cela, aguardando nossa saída para serem lidos individualmente nas camas ou nos pátios sob o sol. Lidos, trocados, rasgados, partilhados, rabiscados. Uma vez que chegavam ao R.O não tínhamos mais controle sobre seus usos e seus fins.

Os encontros passaram a ter uma rotina. Ao chegar no R.O, ficávamos um

tempo a cumprimentar todas e trocar os relatos mais urgentes, imediatos. Passada a ansiedade inicial do encontro, nos deslocávamos para a sala/cela de leitura para conversar mais demoradamente, às vezes individualmente sobre questões particulares. Anotávamos os recados a serem dados por telefone aos familiares, amigas/os, companheiras/os, que semanalmente também enviavam recados e novidades trazidos por nós até as celas do R.O. Os livros ficavam à espreita; as balas, papéis, envelopes e selos eram distribuídos de acordo com os pedidos e demandas.

Veza ou outra fui convidada a ir ao *barraco* de alguém para tratar de algum assunto particular. Algumas eram celas vazias, ocupadas por um colchonetete de espuma e uma sacola com alguns poucos pertences; outras repletas de adornos, cores, panos, tapetes, eletroeletrônicos. Celas de pessoas que moram há anos no R.O, mas também celas ocupadas provisoriamente para o tratamento de alguma enfermidade ou como tática temporária para descansar do *ritmo*<sup>3</sup> frenético dos pavilhões.

Há pelo menos três anos no R.O, a cela de Vanda era ocupada. Sem diagnóstico clínico para tratamento psiquiátrico ou acompanhamento na enfermaria, pediu transferência ao R.O porque dizia não suportar a convivência abarrotada e agitada dos outros pavilhões. Aproximava-se do fim da sua sentença e queria a tranquilidade da convivência entre as poucas pessoas que normalmente ocupam o R.O. Relata que desde que chegou permaneceu na mesma cela, compartilhando-a com diferentes pessoas que passaram por lá ao longo dos anos.

Quando aberta [entre os períodos de *tranca*<sup>4</sup>], o interior da cela fica encoberto por um pano florido dependurado na entrada, disposto como uma cortina. Segundo Vanda, o pano mantém a privacidade no *barraco* quando as celas estão abertas, mas também quando se fecham, uma vez que a porta cinza de ferro possui uma pequena abertura quadrada na altura do rosto, através da qual é possível ver o seu interior. Esta abertura, chamada pelas presas de *quadradozinho*, serve para entregar a *boia*<sup>5</sup> [uma vez que todas as



3. *Ritmo* é um termo êmico para referenciar diferença. Em seu estudo sobre os fluxos do crime nas *quebradas*, Biondi (2014) aborda o *ritmo* como o resultado das diferentes configurações e variações circunstanciais resultantes da circulação de ideias e de tudo o que elas acionam (ou, em suas palavras, os *movimentos*). Assim, é possível encontrar diferentes *ritmos* em diferentes ambientes pelos quais transitam ideias e pessoas.

4. Nesta penitenciária as celas são abertas às nove horas da manhã, fechadas ao meio-dia para o almoço, reabertas às quatorze horas e fechadas novamente às dezesseis horas. O ato de trançar a cela e o período em que ficam fechadas nas celas é chamado de tranca.

5. Marmita.

refeições são feitas dentro das celas, quando trancadas] e para a vigilância e contagem das presas pelas guardas. Assim, mesmo quando são fechadas, é o pano que sela a disjunção entre os corredores vigilantes e o espaço doméstico e privado daqueles poucos metros quadrados.

Ao puxar a cortina para o lado, entro no *barraco* de Vanda. Como todas as outras celas, a privada e a pia ficam no canto do lado esquerdo, logo em frente à cama. Com cerca de 8 m<sup>2</sup>, a maior parte das coisas se empilham verticalmente. O chão é fundamentalmente ocupado por duas camas estreitas de ferro sob um colchão fino de solteiro; entre elas, um tapete de tricô feito à mão. Se não feitos pelas próprias moradoras, são correntemente trocados com outras pessoas presas, que os produzem como parte do comércio informal interno – trocados por *jumbo*<sup>6</sup>, por cigarro ou em negociações várias que envolvem favores, habilidades permutadas e *corres*<sup>7</sup>. De forma geral, o cigarro é o denominador comum, o único objeto que é facilmente trocado por qualquer outra coisa, altamente valioso na economia informal das prisões por todo o mundo (REED, 2007). Segundo Vanda, “o cigarro aqui é o dinheiro da rua”.

As paredes cinzas da cela são marcadas por escritos variados de vidas que por lá passaram ou que por determinado período lá habitaram. Escritos nas paredes que lembram aqueles feitos na pele, por meio de objetos improvisados que perfuram e pintam a superfície especular da derme. Nomes de afetos, palavras de devoção, símbolos diversos e frases motivacionais que ocupavam grandes extensões das paredes cinzas replicavam padrões inscritos nos corpos enquadrados.

Na parede defronte à entrada uma janela retangular e comprida formada por grades geladas de ferro, estreitamente justapostas. Desse lado do pavilhão, as janelas avistam uma imensa parede de concreto, marcada por rachaduras e pequenas fissuras provavelmente causadas pelo tempo e pelas intempéries. Janelas que no *barraco* de Vanda são cobertas por um lençol branco com flores bordadas preso nas suas extremidades à parede, acobertando a visão cinza de suas grades.



---

6. Sacolas com alimentos, produtos de higiene, limpeza, roupas, cigarros [entre outras coisas] levados pelas visitas às pessoas em cumprimento de pena.

7. Forma de ganhar dinheiro, normalmente associada a atividades ilegais.

Ao lado da cama de Rosana, que nesse período dividia o *barraco* com Vanda, uma pequena televisão sempre ligada, com o som baixo que compõe o pano de fundo barulhento de vozes entrecortadas pelos corredores e andares do pavilhão. Juntamente a compor a sonoridade do ambiente fica um rádio ligado durante o período da *visita*, arrastando seu somido desde a cela de Rita, três à frente da de Vanda, por quase todo o pavilhão. O som, muitas vezes acompanhado pela cantoria de Rita, variava entre músicas gospel, sertanejo e funk. O uso tanto da televisão quanto do rádio era dividido entre as celas por dia e por horário, sendo que especificamente às sextas-feiras, no período em que realizávamos o encontro, o primeiro ficava com Vanda e o segundo com Rita. Durante os outros dias circulariam entre as celas do R.O por diferentes horários negociados coletivamente. Segundo Vanda, a circulação é uma questão de igualdade – todas têm o mesmo direito à televisão e ao rádio do pavilhão. Não por isso as brigas e desentendimentos quanto ao tempo e os dias de uso cessavam de acontecer.

De volta ao corredor, recorrentemente vi Iaiá sentada sobre um pano estendido no chão, a conversar, tricotar, olhar as pessoas e as horas passarem. Diz que prefere ficar no corredor do que na cela, gosta de ver a circulação, as pessoas; sente uma sensação boa porque lembra a vida dela no *mundão*, da sua infância e juventude vivida em grande parte pelas praças da Sé e Liberdade. Não gosta de ficar na cela, espaço fechado e apartado do vai-e-vem das movimentadas pernas. Casa, para ela, tem sentidos de andanças, abertura, circulação. Sua cela praticamente vazia falava da pouca importância em ser ocupada por coisas, enfeites, panos e tapetes de tricô. Gostava mesmo é do corredor, do chão, da vida ambientada em arredores marcados por formas em movimento.

No entanto, às 16h tinha de voltar para sua cela retangular. Horário em que o jantar é servido e acaba o tempo de convívio; as portas de ferro são trancadas, a oficina acaba, os corredores vazios. Quem distribui a comida são as *setores*<sup>8</sup>, Vanda e Rita no pavilhão do R.O, enquanto Rosana, Iaiá e as tantas outras moradoras se direcionam aos seus *barracos*. As *setores* colocam suas luvas de plástico, as toucas de algodão e empurram dois carrinhos

---

8. Cargo atribuído a pessoas responsáveis por certas atividades laborais na prisão. No R.O, a setor era responsável por distribuir a boia, limpar os corredores e eram as únicas pessoas autorizadas pelas guardas a circular entre o primeiro e segundo andar para levar e trazer coisas e recados.



com grandes e fundas travessas preenchidas por arroz, feijão e uma *mistura* que são, então, servidas em marmitex de alumínio. Cada dia da semana marcado por uma *mistura* específica, conhecida por todas e esperada com atonia. O feijão sem caldo, o arroz muitas vezes duro, a carne tantas vezes mal passada e por vezes estragada; a comida sem tempero, a falta de sal, a restrição de doces. Laranja, maçã ou banana são distribuídas pela manhã – sobremesa e “quebra-galho” da fome que chega ao anoitecer.

A quantidade de vezes que ouvi reclamações turbulentas sobre as condições da comida oferecida pelo sistema é de se perder a conta. “O pior é que esse lixo que nos servem é produzido pelas próprias presas. Elas cozinham aqui mesmo e essa comida é distribuída pra outras penitenciárias da região. Não entendo como elas conseguem comer a própria comida que fazem”, me falava Rita, exasperada. Os protestos vinham especialmente do *castigo*<sup>9</sup>, onde o *jumbo* não chega, tampouco conseguem criar condições de “melhorar” a comida [com seus fogões improvisados, panelas, temperos e ingredientes advindos do *jumbo*]. Quando a comida chegava estragada, com fezes de rato, fios de cabelo, pedaços de plástico e mesmo barata, como já me relataram ter acontecido, os restos dos *jumbos* ou a fome ficavam como última refeição do dia; o café-da-manhã só às 7hs.

\*\*\*\*\*

Habitar um ambiente é fazer parte dele, no mesmo sentido que a experiência do habitar faz dele parte de nós (Ingold, 2015). Entra em nossos poros e sentidos, uma vez que estamos mesclados e inextricavelmente imersos nele, como um coração no organismo (Merleau-Ponty, 2011) que só pulsa e existe na e pela relação com o que o circunda. Túlio, interlocutor na pesquisa de Mallart (2011) já dizia: *a cadeia muda a vida*. E muda. Daqueles que por ela passam e especialmente daqueles que fazem dela morada durante meses ou anos de suas vidas. Como destaca Mallart (p.10), “deixa marcas indeléveis, cravadas tanto na carne quanto na mente”. A prisão, por sua vez, também se (re)constrói cotidianamente pela vivência, gestão e pelas marcas entremeadas das vidas que nela subsistem.

Para pensar os processos de habitar o mundo, Ingold (2015) propõe extra-

---

9. Castigo são celas que ficam no segundo andar do “pavilhão do R.O”, nas quais são isoladas de 10 a 30 dias, sem banho de sol, pessoas que cometeram alguma falta disciplinar, de acordo com as/os agentes carcerárias/os.





polar a recorrente ideia do habitar associado à ocupação de espaços supostamente cerrados em si mesmos, para pensar ambientes habitados como organismos vivos que possuem histórias de vida, que consistem no desdobramento das suas relações com componentes tanto humanos como não humanos. Bastante inspirado na fenomenologia de Merleau-Ponty (2011), evidencia que não estamos de passagem em um mundo alheio e externo a nós mesmos, que subsiste a despeito de nossa atuação e interferência. Pelo contrário, salienta o quanto estamos imersos na malha de linhas de vida que se entrecruzam e produzem esse mundo em constante formação.

Os diferentes ambientes, seguindo a perspectiva de Ingold, seriam emaranhados de fios e nós densos pela concentração de vidas que circulam, se cruzam e se relacionam naquela determinada localização. Habitar um ambiente seria, portanto, se juntar à reunião de vidas que se adensam em determinada região – ou, nos termos de Heidegger (2012), participar da coisa na sua coisificação em um mundo que mundifica.

O ambiente (..) pode ser melhor vislumbrado como um domínio de emaranhamento. É dentro desse emaranhado de linhas entrelaçadas, continuamente se emaranhando aqui e se desemaranhando ali que os seres crescem ou ‘emanam’ ao longo das linhas das suas relações. Este entrelaçamento é a textura do mundo (INGOLD, 2015: 120).



Os meses em que convivi entre os corredores e celas que levam e compõem o pavilhão do R.O me mostraram que o tempo de cumprimento de pena não consiste simplesmente na passagem de pessoas por dependências compostas por grades de ferro, muros altos, paredes cinzas e cabines de vigilância. As celas, corredores e pátios pelos quais percorri eram habitados por vidas que fizeram daqueles ambientes morada – evidentemente contra a sua vontade –, mas o fizeram durante meses ou anos de suas vidas.

Para Vanda, seu *barraco* se tornou casa e as pessoas com quem convivia no R.O, família. Há anos sem praticamente ter contato com seus dois irmãos, únicos membros que restaram do seu núcleo familiar após uma chacina em sua casa, percebia nas falas e gestos de Vanda a necessidade premente de segurança, organização e privacidade de um espaço que podia chamar de “seu”. O *barraco* sempre impecável, “o chão limpo até mesmo com as mãos” como já me disse ter feito tantas vezes na falta de utensílios; os enfeites,

adornos e cores compunham um ambiente acolhedor e íntimo. Tudo o que lhe foi dado pela administração penitenciária foram colchão, cama de ferro e uma prateleira de concreto na quina da parede. A partir de uma extensa rede de trocas, favores e escambos de habilidades, habitou seu *barraco* e o equipou de memórias, histórias e sentidos afetivos.

Passou anos nos pavilhões, mas pediu transferência para o R.O há cerca de três anos porque queria se afastar do *ritmo* frenético daqueles andares e da cocaína, que durante os primeiros anos presa a consumiu. No R.O o tráfico dificilmente chega, tornando-se alternativa para aquelas que querem se afastar do uso. Assim, foi na vivência barulhenta de vozes, rádio, televisão e gritos entrecortados pelos dois primeiros andares do pavilhão do R.O que Vanda dizia viver melhor; a convivência e ruído diluído pelas poucas pessoas que lá permaneciam tornava aquele ambiente uma morada possível. Sem diagnóstico clínico para permanecer no R.O, Vanda diz que seu pedido foi atendido pelo bom comportamento dos últimos anos – não havia *castigos* ou sindicâncias em seu nome. Até retomarmos o contato com seu irmão, tinha medo da sua liberdade. Não sabia o que faria com ela e como sobreviveria sem amparo, casa ou referência que a acolhesse: “querendo ou não aqui pelo menos eu tenho um teto, comida e lugar pra dormir. Lá fora, não tenho nada nem ninguém me esperando”. Articulou sua transferência para o R.O, montou seu *barraco* a partir de improvisos, sobras de jumbos, escambos e produções artesanais de outras pessoas presas; passou a trabalhar como *setor* do pavilhão e costurou relações de afeto e cuidado com as outras moradoras.

Para Iaiá, morar carregava outros sentidos. As tardes passadas no corredor e sua cela quase vazia mostravam que sua morada se sustentava pelo contínuo ir e vir de pernas e pela abertura de espaços dinâmicos. Como coloca Ingold (2015), da mesma forma que moldamos um ao outro nas relações que estabelecemos ao longo da vida, também moldamos e somos moldados pelos ambientes pelos quais passamos e habitamos. A trajetória de Iaiá no *mundão* vivida em grande parte por movimentadas ruas deixou marcas no corpo e na memória; assim, foi nos corredores e pátios da prisão que encontrou o acolhimento de uma morada, os sentidos afetivos e conhecidos de habitar [n]o público.

A vivência na prisão se tornou parte significativa nas memórias de vida de



Vanda, de Iaiá e de tantas outras. Fez parte da trajetória e da produção de corpos tomados por sensações imersas em cheiros, temperatura, sabores, sons, cores, horários, rotina, hábitos e substâncias que englobam a materialidade da experiência de viver a prisão, de fazer parte dela e compor o organismo que sustenta seu funcionamento.

## Comer, beber, banhar, sangrar

Segundo Csordas (2008), uma análise fenomenológica da experiência toma como ponto de partida as diferentes modalidades sensitivas do corpo. Esta abordagem tem no corpo sua base existencial para elaborações sobre a experiência de habitar, de produzir a vida. Dessa forma, tomo as experiências e narrativas sensoriais para olhar o cotidiano da prisão e as táticas desenvolvidas no processo de habitá-la.

Como relatado por muitas, a experiência da alimentação era fonte de grande insatisfação e razão dos inúmeros escambos de produtos do *jumbo*, bem como do desenvolvimento de engenharias para melhoraria dos alimentos. Para muitas, o almoço e o jantar eram precedidos pela verificação da qualidade da comida e adequação dos temperos de forma a não apenas “matar a fome”, mas alimentar, agradar o paladar de acordo com os gostos e demandas particulares. Comidas estragadas ou contendo alguma substância inadequada para ingestão eram retiradas; os alimentos, misturados com temperos, farofa, pimenta ou outros produtos advindos do *jumbo* que pudessem aprimorar seu sabor.

Outro grande incômodo em relação à *boia* é o fato de chegarem frias nas celas. Dessa forma, mobilizavam alguns mecanismos para aquecer o alimento; um deles é a *perereca*. Esta consiste em um pote com água no qual ficam dois pedaços de fios elétricos arrancados da parede que, unidos por um grampo ou prendedor, criam um curto circuito que aquece a água. Com isso, conseguem esquentar qualquer alimento em banho-maria, requeitar o café e aquecer água para um banho de balde, já que em geral ela chega gelada dos chuveiros. Outro mecanismo para aquecer e/ou aprimorar os alimentos é por meio do fogão improvisado. Este é formado por tijolos justapostos sobre os quais se coloca um pedaço de ferro entortado que, ao entrar em contato com o curto circuito de dois fios elétricos fica em brasa,



possibilitando cozinhar ao apoiar a panela sobre o ferro em brasa. A tática de improvisar esses materiais permite manipular os alimentos de forma a não apenas suprimir a fome, mas proporcionar prazer sensorial ao mastigar e saborear o alimento.

A oferta de bebida, no entanto, deixa pouco espaço para improvisações. Os refrigerantes advindos do *jumbo* permanecem em temperatura ambiente, bem como a oferta de água proveniente da torneira - seu gosto de cobre e cloro não parecia incomodar particularmente o paladar. Quando chegávamos no R.O, normalmente havia uma mesa do lado esquerdo do corredor, ao lado da cela de Vanda, com um grande recipiente térmico onde ficava o café que acabara de chegar e alguns copos coloridos de plástico. Mesmo nos dias mais quentes o que eu reclamava era do gosto esquisito que sentia ao beber a água. Ouvi, mais de uma vez, que esse era o menor dos problemas. Duro mesmo era não saber mais o que é tomar um líquido gelado em um dia de calor.

No entanto, calor era praticamente uma constante nos pavilhões, independente da temperatura que fazia lá fora. Em dias frios eu entrava na penitenciária de moletom e terminava a visita de camiseta com as mangas arregaçadas. No R.O a roupa predominante eram shorts e blusinhas; no *castigo* e no *trânsito*, por sua vez, mal se conseguia usar roupas, tamanho o calor, normalmente trajavam apenas roupas íntimas ou shorts e top. No período em que visitei esta penitenciária não me recordo de ter visto algum dia alguém com roupas de frio nas celas. Dessa forma, na maior parte das vezes os corpos amplamente tatuados podiam ser vistos com facilidade, bem como os braços [de muitas pessoas] repletos de escarificações.

As escarificações pareciam quase tão comuns quanto as tatuagens no corpo. Em sua maioria desenhavam braços, mas também apareciam nas coxas e no colo do peito. Alguns cortes superficiais, outros profundos, alguns até mesmo repletos de costuras e fios que saiam dos inúmeros nós dos pontos feitos no hospital. Marisa, moradora recente do R.O, me contava com dificuldade sobre sua vida no *mundão* e a violência brutal que seu marido lhe destinava antes dela ser presa. De alguma forma, apesar das saudades da casa e dos filhos, parecia aliviada; ao menos lá não apanharia. Tinha dificuldade de falar não apenas pelo trauma, pela dor, mas devido ao esforço necessário para falar com coerência sob o efeito aturdido de calmantes,



antidepressivos e medicamentos psiquiátricos de forte dosagem. Assim como ela, grande parte daquelas no R.O estavam na maior parte do tempo fortemente anestesiadas. A fala sob o efeito do(s) remédio(s) era aérea, parcialmente presente, como se assistissem ao tempo passar sem se relacionar diretamente com ele.

Após algumas semanas encontrando Marisa nas visitas de sexta-feira já podia ver melhoras pelos sorrisos esboçados e pedidos para que escrevêssemos cartas e fizéssemos contato com seus familiares. No entanto, pouco tempo depois já não a encontrei mais no R.O. Desaparecera por semanas. Ouvi boatos de que tinha “surtado”, sido transferida para outra penitenciária ou mandada para a Casa de Custódia de Franco da Rocha, motivo de temor entre todas aquelas com quem conversei, considerado um dos piores lugares para se cumprir pena – a perversa continuidade dos antigos manicômios.

Algumas semanas se passaram e Marisa voltou. Enquanto nos abraçávamos num misto de saudade e preocupação, me assustei ao sentir algo pinicando minha costela. Ao me afastar percebi que era seu braço; uma camada espessa de linhas e nós cobria toda a extensão do seu antebraço. Cortes profundos e sequenciais desfiguravam seu formato. Aturdida, perdi as palavras. Não sabia o que dizer, ou mesmo se devia falar ou perguntar o que passara. Qualquer conselho psicológico e de autoconhecimento parecia deslocado, descabido. Eu, nem ao menos batizada e sem nenhuma frequência em igrejas de qualquer vertente, me deparei com a necessidade urgente de falar de fé, de falar de Deus. Falei sobre o valor da sua vida, o amor de Deus por ela e a importância em abrir espaço para que “Ele” pudesse a confortar. Nesse momento, assim como em tantos outros que vieram, fui o braço religioso da Pastoral Carcerária. Era tudo [e acredito que o melhor] que podia oferecer.

Marisa contou um pouco da experiência nas últimas semanas, dizia que apesar do sofrimento sentia-se melhor, mais calma, fora liberada pelo diagnóstico que atestava estar em condições de voltar a uma penitenciária comum. Estava aliviada, pois também diminuíram seus remédios, de treze para agora “só” oito. Sua fala ainda era lenta, sonolenta, dificultosa, embora suas feições estivessem saudáveis. Assim como tantas outras no R.O e *castigo*, os remédios ajudavam a dormir, atividade que passava a tomar grande parte de seus dias. Calmantes, remédios para insônia e antidepressivos são produtos altamente comercializados entre elas, trocados por cigarros, fa-



vores e itens do *jumbo*. Esses diferentes fármacos causam diversos efeitos, mas compartilham da eficácia amortecedora de minguar o desejo. Diminuem a ânsia, a vontade, anestesiaram os sentidos e conduzem a um estado contemplativo do tempo – como um sofrimento plácido que aguarda em torpor o nada dos dias e das horas que chegam e se vão.

A vida parece então anestesiada, ritmada a uma frequência miúda em tempo alargado. Anos são decompostos em minutos passados majoritariamente entre quatro paredes indistintas. Para muitas que não conseguem trabalho ou qualquer ocupação na penitenciária, os horários são regulados pela oferta diminuta de comida, pela hora do banho e pela disponibilidade de luz, apagadas diariamente às 22h. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira; visita do projeto de leitura. Sábado, visita das igrejas. Domingo, visita dos poucos familiares e cônjuges que se submetem ao tempo alargado e à revista aviltante imposta para adentrar a prisão. A semana recomeça, de novo e de novo, repetidamente. Dormir é uma forma de domesticar o corpo ao tempo adensado, retardar a cadência do pensamento que se choca na inércia do ócio.

Certo dia, por volta das 16h, começávamos a nos despedir e as pessoas do R.O se direcionavam para suas celas [hora da *tranca*], a janta começava a ser distribuída, as pessoas recolhidas em seus *barracos*. Após entregar todas as boias, Rita tirou as luvas, a touca, levou o carrinho de volta ao portão/grade e ao caminhar para sua cela disse: “Boa noite pessoal!”. De fato, o dia acabara. A expectativa de algo que ainda iria acontecer – a comida a chegar, a hora do convívio, o momento do banho – já não existia. Não havia nada a esperar, a não ser as horas passarem, o sono chegar, o outro dia [re]começar.

\*\*\*\*\*

Partindo de uma abordagem fenomenológica, Csordas (1994) sugere pensarmos o corpo como fundamento de todo o conhecimento, como acesso ao mundo por meio da experiência sensória de “estar-no-mundo”<sup>10</sup>. Tal corrente de pensamento rejeita o tratamento do corpo como objeto aprioristicamente estabelecido, um fato bruto da natureza. Ao colocar o corpo enquanto fenômeno cultural, localizado em uma rede substantiva de co-

---

10. Tradução livre de “being-in-the-world” (CSORDAS, 1994).



nexões, sai do registo corpo-objeto para pensar corpo enquanto agente, enquanto “uma presença senciante temporal/historicamente informada” (Ibidem:10) de engajamento no mundo.

O despertar impulsionado pelas teorias de Foucault a respeito do corpo já alertavam ao fato de que o **corpo tem história**: é produzido diferencialmente dentro de imbricadas relações de poder localizadas contingencialmente. No entanto, segundo Turner (1994), esse corpo trans-histórico e trans-cultural de que fala Foucault, constituído por relações de poder-saber e moldado por uma série de “disciplinas”, não parece ter carne – é sublevado a uma unidade conceitual abstrata, sem deixar subsídios para pensar a experiência do “corpo-em-relação”.

Portanto, a abordagem fenomenológica de Csordas (1994) e Turner (1994) convergem na importância de tomar o corpo como lócus de conhecimento do mundo, levando a sério a ideia de que a cultura está fundada no corpo humano. Essa tomada de posição extrapola a corrente separação mente/corpo, sujeito/objeto, ser/ter que historicamente permeou as ciências sociais, preocupada com indivíduos singulares, empossados de um corpo perceptível pelo “self”, ocupante de um mundo preexistente. A proposta fenomenológica de “estar-no-mundo” implica, portanto, em pensar o corpo como ponto de partida para a análise cultural, como a base existencial de elaborações culturais da experiência num mundo em constante formação (CSORDAS, 2008).

Esse enquadramento epistêmico desloca o corpo tomado como material cru sobre o qual a “cultura” operaria, para tratar o corpo como lócus de estudo dos fenômenos culturais/sociais. Tal torção epistemológica tem consequências metodológicas: estudar as relações humanas a partir da experiência do corpo-no-mundo é tomar igualmente cognição, afeto, emoções e sensações como experiências corporais – “no sentido de serem, self e corpo, perfeitamente coexistentes” (Ibidem: 207).

A partir dessa abordagem, o anestesiamiento dos sentidos relatado por minhas interlocutoras e percebido por mim em nossas conversas enquanto estavam sob o efeito de psicofármacos podem ser lidos como expedientes de existência que acionavam formas de [sobre]viver à/na prisão. A fala vagarosa e pesada, a escuta aérea e o olhar contemplativo de uma realidade sensivelmente descorporada pareciam dilatar a experiência-no-mundo a uma frequ-





ência miúda, apartando-as de uma relação direta com o horizonte de ação ao seu entorno. Se a relação do corpo com o mundo ocorre através dos seus sentidos, anestesia-los parece amortecer a realidade – distanciar ou poupar o corpo do mundo. Assim, adormece, abafa, embaça, silencia.

Como sugere Csordas (Ibidem; 208), “uma fenomenologia da situação existencial exibida nessa linguagem dos sentidos pode ser resumida como um estreitamento radical do horizonte de percepção e experiência.” Esse estreitamento demonstra a incapacidade de permitir o mundo dentro de si, uma vez que o horizonte de ação se torna opaco, impenetrável.

Contudo, a impenetrabilidade ocasionada pelos psicofármacos parecia se dissolver parcialmente na permeabilidade da pele. A pujante sensação da gilete que abre a superfície da carne deixa escoar dores estancadas no sangue; mas não necessariamente a torna porosa para a entrada do mundo. Para Marisa, assim como para outras pessoas cujos braços, coxas e colo revelavam marcas de escarificações, o derramamento do sangue intensificava a anestesia dos sentidos pelo prazer ensurdecido de aliviar a pressão sufocada pela derme. Como as comportas de uma represa, liberavam a tensão contida no escorrer tranquilizador de uma dor que temporariamente se esvaia junto ao vermelho escuro do sangue.

Em diferentes ocasiões me relataram, com inesperada espontaneidade, sobre o fascínio e prazer em ver e sentir o líquido escorrer na pele. Com intensidades e profundidades variadas, mostravam os diversos cortes pelo corpo e os apresentavam como formas de lidar e cuidar da dor. A fenda feita na pele parecia externalizar dores subterrâneas que, transpostas à superfície, eram materializadas em fluído viscoso – ganhavam densidade, cor e temperatura. Dor que vaza e escapa no [e pelo] corpo.

O uso intensivo de psicofármacos entre minhas interlocutoras deixava suas modalidades sensórias abafadas, como se esforçassem para superar a fronteira nebulosa e opaca que permitia seu acesso ao mundo. Como sugere Csordas (2008; 205), em função do abafamento dos sentidos a pessoa tem de “atravessar os sentidos em direção ao mundo ao invés de percebê-lo com eles; eles estão no caminho, bem entre el[a] e o mundo, de tal maneira que a sua percepção não é confrontada com um horizonte aberto, mas com um muro”. O muro, figurado aqui pelo anestesiamiento dos sentidos, im-





permeabiliza sua relação com o mundo. As escarificações, por outro lado, apesar de também promoverem certa anestesia pelo alívio dos sentidos, abrem uma fenda de comunicação com o mundo em sentido único: deixa escorrer e amenizar a pressão que fervilha por dentro.

Suas falas sobre os cortes no corpo apontavam para uma forma de cuidado de si. De gerir seus sentimentos, de permiti-los vazar. Assim como as tatuagens, largamente realizadas em presídios a partir de materiais improvisados, as escarificações compunham o mosaico nos corpos marcados pela vivência no cárcere. Vidas inscritas no ambiente – pelos espaços decorados, pintados, improvisados, quebrados – e na superfície especular da derme, marcada pelo processo de produzir a textura do habitar a prisão.

## **Sobre existências e resistências: por uma abordagem fenomenológica da prisão**

Durante os momentos iniciais que busquei balizar o tema que comporia minha dissertação de mestrado, trabalhei na chave sujeição-resistência que tanto acompanhou meu percurso de estudos na antropologia urbana e, mais especificamente, no campo de estudos prisionais. Assim, a leitura inicial das experiências em campo me conduzia para uma análise das práticas e disputas de poder, sobretudo seus efeitos sobre as vidas daqueles que resistem à disciplinarização e sujeição de seus corpos. Em outras palavras, meu foco estava na ação do mundo em relação ao corpo-objeto de poder, que respondia a ele por meio de atos de resistência, leitura orientada pelas teorias foucaultianas.

O campo de estudos prisionais no Brasil dialoga bastante com essa abordagem e, nas últimas duas décadas, apresentou número substantivo de pesquisas preocupadas [paralelo ou centralmente] com o fenômeno de expansão e fortalecimento de coletivos de crime por todo o país. Especificamente em São Paulo, autores como Biondi (2009, 2015), Marques (2009), Dias (2011), Mallart, (2011), Godoi (2010, 2014), Lima (2013), Lago (2014) e Padovani (2015) abordaram, em suas respectivas pesquisas, as diversas formas de atuação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no cotidiano e na regulação da convivência nas prisões por parte da população encarcerada.

O fenômeno do PCC, portanto, parece atravessar relações, enunciados e



percepções sobre “certo” e “errado” em grande parte das penitenciárias do estado de São Paulo, especialmente entre aquelas consideradas *dominadas*, isto é, onde predominam preceitos e valores próprios do PCC. De acordo com minhas interlocutoras, a penitenciária na qual realizei a pesquisa e que ora abordo é uma *cadeia dominada*; de tal forma que os valores e entendimentos do PCC permeiam o cotidiano e constituem a malha de fluxos e relações na prisão. Embora reconheça a centralidade dessa dinâmica na organização da vida prisional e na agência da população carcerária, no presente artigo busquei enfatizar descrições sobre a materialidade e as modalidades sensíveis do cotidiano prisional para pensar as táticas de [sobre] vida. A aposta esteve em partir dos ambientes e dos corpos para, através deles, refletir sobre os modos de se produzir a vida na prisão. O enfoque, portanto, não está nas relações e na sociabilidade da prisão [fator que daria centralidade às dinâmicas fomentadas pelo PCC], mas nos efeitos destas sobre os ambientes, materiais e corporeidade da vivência prisional.

Assim, em um primeiro momento busquei enfatizar as modalidades corpóreas sensíveis dos sons, cores, temperatura e paladar para apresentar vivências observadas e relatadas entre moradoras do R.O. A intimidade dos panos, enfeites e adornos da cela de Vanda e os movimentados corredores de Iaiá comunicam, em suas particularidades, diferentes formas de habitar a prisão. Por outro lado, os sons do rádio, os gritos entremeados pelo corredor, o sabor dos alimentos, a temperatura da água [para beber e para se banhar], o calor das celas, as cores das paredes e portões compõem a experiência compartilhada e fenomênica de habitar o R.O. Dessa forma, a experiência material e corpórea foi tomada como ponto de partida e princípio explicativo do campo etnografado.

Em um segundo momento, as táticas de improvisação, cuidado de si e aprimoramento das condições de vida na prisão são evidenciadas nos atos de comer, beber, suar e sangrar. A confecção de objetos como a *perereca*, o fogão improvisado e o escambo de produtos do *jumbo* possibilitam condições de aprimorar alimentos e tornar possível a experiência de comer algo agradável ao paladar; a possibilidade de aquecer a água para o banho e de usar poucas roupas no convívio como formas de lidar com a experiência térmica corporal; o uso de psicofármacos para se relacionar com o tempo ocioso e adensado e, por fim, as escarificações como formas de lidar e cuidar da dor.



No entanto, ao sublinhar o uso autoinduzido de psicofármacos entre as presas não pretendo obliterar a compulsoriedade tantas vezes observada na administração desses fármacos por parte do corpo de funcionários. Para Marisa, a diminuição na prescrição dos remédios de treze para “apenas” oito foi motivo de alívio e cálculo positivo de sua melhora. Nessa perspectiva, a efetividade [no sentido de incorporação] dos discursos médicos psiquiátricos esbarra na compulsoriedade da sua prescrição; da mesma forma, a demanda pelo anestesiamiento dos sentidos faz face aos dispositivos de controle que se beneficiam da docilização de corpos medicalizados. Em outras palavras, sujeição e agência, existências e resistências convivem e disputam continuamente numa arena certamente desigual, porém repleta de brechas e fendas que permitem vazar e, com isso, produzir espaços lisos dentro [e a despeito] de suas densas estriagens.

Nesse sentido, habitar a prisão aparece como um processo incessante de resistir aos efeitos do poder, mas de também existir para além deles, ao se projetar em direção ao mundo e ativamente assumir residência nele (CSORDAS, 1994). Como certa vez Vanda me disse ao contar sobre os últimos nove anos em que esteve presa: “eu estou viva e isso aqui é a minha vida agora”. Para além de resistir aos efeitos cotidianos de uma instituição que busca cercear e reduzir as possibilidades de vida, as pessoas vivem, existem e buscam formas de não apenas sobreviver à prisão, mas de nela fazer morada.



## Referências bibliográficas

- BIONDI, Karina. 2009. *Junto e Misturado: Imanência e Transcendência no PCC*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos.
- BIONDI, Karina. 2014. *Etnografia no Movimento: Território, Hierarquia e Lei no PCC*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos.
- CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- CSORDAS, Thomas. 1994. The body as representation and being-in-the-world. In CSORDAS, T., org, *Embodiment and Experience. The Existential Ground of Self and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DE CERTEAU, Michel. 1998. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer (1980)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. 1980. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit
- DIAS, Camila Caldeira Nunes. 2011. *Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. Dis-

- sertação (Doutorado) – Universidade Estadual de São Paulo
- FOUCAULT, Michel. 2007. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- GODOI, Rafael. 2010. *Ao redor e através da prisão: cartografias do dispositivo carcerário contemporâneo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- HEIDEGGER, Martin. 2012. *Ensaio e Conferências*. 8ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LAGO, Natalia Bouças do. 2014. *Mulheres na prisão: entre famílias, batalhas e a vida normal*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LIMA, Jacqueline Stefanny Ferraz de. 2013. *Mulher Fiel: As famílias das mulheres dos presos relacionados ao Primeiro Comando da Capital*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- MALLART, Fábio Moreira. 2011. *Cadeias Dominadas: Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARQUES, Adalton. 2009. *Crime, proceder, convívio-seguro: Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. 2011. *Fenomenologia da Percepção*. 4ª edição – Editora WMF Martins Fontes. São Paulo.
- PADOVANI, Natália C. 2015. *Sobre Casos e Casamentos: Afetos e amores através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- REED, Adam. 2007. Smuk is king: the action of cigarettes in a Papua New Guinea Prison. In: HENARE, Amiria et al. *Thinking through things: theorizing artefacts ethnographically*. London/New York: Routledge, p. 391-406.
- TURNER, Terence. 1994. Bodies and Anti-Bodies: Flesh and fetish in Contemporary Social Theory. In CSORDAS, T., org, *Embodiment and Experience. The Existential Ground of Self and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

